



Colégio Santa Dorotéia

Texto para as famílias - Fevereiro de 2017

Serviço de Orientação Educacional

INCERTEZAS - COMO LIDAR COM ELAS?

Os momentos em que nada é certo e que passam ao largo da nossa zona de conforto são incrivelmente ricos em aprendizados e em oportunidades de reinventar a própria realidade.

Em um ano de tantas mudanças nos diversos cenários, ao nosso redor e no universo particular, o ensinamento mais presente é de que é preciso saber lidar com algo intangível: o fato do falso controle sobre o plano das coisas previstas, a certeza é algo que escapa a todos.

O movimento das incertezas tem um fluxo contínuo – na maior parte do tempo se comporta de forma sutil e delicada, mas às vezes se faz abrupto, impondo-se a nós. Não é assim?

A verdade é que temos de lidar, percebendo ou não, com um alto grau de imprevisibilidade o tempo todo, desde as incertezas mais duras de encarar a aquelas miudezas do dia a dia, que também nos fazem sofrer.

As incertezas, claro, não são sempre extremas, feitas por rompimentos que nos colocam em terreno desconhecido. Existem outras pequenas expressões de sua presença com as quais precisamos também aprender a conviver. Repare bem. Enfrentamos uma sequência de “ses” em considerações que nos põem em dúvida e deixam a sensação de estagnação ou impotência – pode ser o país e suas indefinições o que nos preocupa, o emprego instável, o dinheiro que talvez não dê para o mês, um relacionamento de inseguranças ou o corriqueiro “o que fazer agora?” das mais diversas situações.

A soma dessas incertezas externas, mesmo quando passam despercebidas ou não são processadas em sua inteireza de forma consciente, exerce grande influência em nós, estabelecendo uma intensa troca de sensações que acaba afetando não apenas nós mesmos, mas às pessoas ao redor. “Há uma vertigem na incerteza que assusta e por isso podemos querer fugir dela”, comenta Mauro Amatzuzi, filósofo, psicólogo e doutor em educação. “Mas, se suportamos o incômodo, ela pode abrir caminhos e oferecer criatividade, porque passa pela sensibilidade aos sentidos”, completa ele sobre a oposição entre uma realidade que julgamos conhecer e outra em que predomina o desconhecido, mas que pode significar liberdade em potência e fazer brotar daí inspirações bacanas para seguir em frente. Ou seja, encarar tempos ou situações de incerteza é também saber aproveitar as oportunidades que a vida nos dá para fazer diferente.

No entanto, é preciso coragem para enfrentar esse vazio, “o espaço da liberdade” onde o voo acontece, em vez de preferir as gaiolas, “o lugar onde as certezas moram”, conforme recomenda o escritor Fiódor Dostoiévski em seu romance *Os Irmãos Karamázov* (Editora 34). Não há o que temer se estivermos abertos para reconhecer a energia construtiva nessa aparente fragilidade do desconhecido, e seguir “apesar de”.

Mas por que tememos aquilo que não é certo? Porque aprendemos a olhar a vida desse jeito. O enredo que nos contam é de que é preferível perseverar em busca de uma certeza absoluta em vez de aceitar a natureza da vida, incerta em essência. O detalhe que excluem dessa narrativa é que ocupar um lugar bem distante da zona de conforto pode ser positivo à medida que nos impulsiona a encontrar recursos dentro da gente para lidar com as novas situações.

Final, a realidade é feita da convivência com as impermanências que surgem numa alternância desassossegada: assim que nos satisfazemos com a resolução de alguma questão que nos atormenta, logo vem outra pedindo a nossa atenção. Para complicar só mais um pouco, os questionamentos geralmente não vêm em fila, cada um por vez, mas vão se apresentando de forma aleatória e nos submetendo a seu ritmo caótico. Então, mais uma vez, precisamos ser flexíveis e nos dedicar à adaptação a uma nova ordem recém-estabelecida que vai durar só até à próxima novidade que já vem chegando.

Esse tipo de sensação de que nunca estamos pisando em chão firme, pois haverá sempre uma nova instabilidade, é objeto de interesse do sociólogo Zygmunt Bauman (falecido em janeiro/2017). Aposentado, ele se debruçou na teoria do que chamou de modernidade líquida, esta condição de mudança constante à qual estamos sujeitos e que nos afeta diretamente porque traz consigo o sentimento de não sabermos o que surgirá em seguida. Tudo é fluído, frágil e instável. E isso tem a ver com o consumismo, com o menor envolvimento nas relações, num excesso de individualismo, conforme escreve: “Nós somos responsáveis pelo outro, estando atentos a isso ou não, desejando ou não, torcendo positivamente ou indo contra, pela simples razão de que, em nosso mundo globalizado, tudo o que fazemos (ou deixamos de fazer) tem impacto na vida de todo mundo, e tudo o que as pessoas fazem (ou se privam de fazer) acaba afetando nossa vida.” Numa interpretação livre, tendo a acreditar que uma das chaves para lidar com as incertezas seja, provavelmente, ir à contramão disso e nos aproximarmos uns dos outros, o que trará novamente a sensação de que não estamos sozinhos e que podemos atravessar tudo isso juntos.

A arte contemporânea também está preocupada em refletir sobre as atuais condições de vida. O tema da última Bienal de São Paulo foi exatamente sobre isso, *Incerteza Viva*. A apresentação assinada pela curadoria diz que as artes “sempre jogaram com o desconhecido”, considerando a intervenção da incerteza nesse processo ao explorar a imaginação, a criação, a ambiguidade e a contradição como narrativa: “A arte se alimenta do acaso, da improvisação e da especulação. Ela dá espaço ao erro, à dúvida e cria brechas mesmo para as apreensões mais profundas, sem evitá-las ou manipulá-las”. O cientista social Rafael Araújo, que pesquisa arte e tecnologia, ressalta a naturalidade desse evento, já que “a arte está sempre atrelada à sua época e busca refletir a dinâmica das incertezas na atualidade” e, em síntese, fala sobre “a concepção da condição humana”.

A convite da Bienal, o escritor Mia Couto preparou um texto para o material educativo com título *Escrever e Saber*, no qual explora a ideia de que escreve justamente porque não sabe e confessa gostar dessa “certa ignorância”; “A construção de uma narrativa implica estar disponível. E para estar completamente disponível há que deixar de saber, há que deixar de estar ocupado por certezas. (...) Esse tempo primordial de indefinição, essa travessia pelo desconhecido é um dos mais saborosos momentos do labor da escrita. Esse é o momento divino em que tudo pode ainda ser”, declara. “Talvez seja hoje necessário fazer um elogio faccioso a favor do que é incerto. Ao fim e ao cabo, a incerteza é um abraço que damos ao futuro. A incerteza é uma ponte entre o que somos e os outros que seremos”, completa ele.

Ao expandir a nossa percepção, talvez a gente aprenda que os resultados nada mais são do que a intensa elaboração de suas partes, uma a uma. Coisas acontecem apesar de a gente querer ou não. Não há como controlar isso. Mas, para reconhecer a inteligência por trás dos acontecimentos e aprender a apreciar a beleza do mistério, é preciso não se apegar tanto na ordem pretensamente estabelecida pelo controle. E, assim, aceitar a liberdade que a incerteza, obstinada, está disposta a nos oferecer a cada dia. Ela nos convida, sem antecipar o destino. Sem o inconveniente das certezas desajeitadas, conseguimos finalmente perceber que a sucessão dos dias está em plena atividade e o quanto tudo isso pode nos surpreender e trazer as respostas que tanto buscávamos. As surpresas que nos cabem estão sempre à espreita.

Então, será que vamos ter de andar sempre nessa corda bamba? Calma, não é bem assim. Existe um momento em que tudo ganha nova forma e você volta a se sentir seguro ou confortável. Isso precisamos ensinar aos nossos filhos, incertezas fazem parte da vida desde que somos pequenos e em cada idade podemos lidar de maneira saudável e tranquila com as mudanças nem sempre previstas. E podemos encorajá-los a pensar em saídas, uma delas citada no texto - quando nos aproximamos uns dos outros, temos a sensação de que não estamos sozinhos e que podemos atravessar tudo isso juntos.